

Significados do “Mar de Minas”: percepções dos moradores de Alfenas e Fama relativas ao lago de Furnas (1963-1999)

Marcos Lobato Martins



Doutor em História Econômica pela USP. Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. Pesquisador associado ao Laboratório Sul-Mineiro de História Regional e Ambiental da UNIFAL-MG. Alfenas [Minas Gerais], Brasil. <lobatohistoria@hotmail.com>.

CONPADRE'2010. Apresentado no 5º Seminário de Arquitetura Rural [Conpadre n.01/2010], Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional. Campinas e Jaguariúna [Brasil].

Resumo

Este trabalho analisa percepções das populações de Alfenas e Fama referentes ao lago de Furnas, de 1963 a 1999. Utilizam-se memorialistas, jornais e testemunhos de moradores. Conclui-se que a trajetória destas percepções dependeu do aparecimento de diferentes formas de apropriação e relacionamento com o lago, indo de imagem negativa a outra positiva. A represa foi “naturalizada” e incorporada ao cotidiano regional.

Palavras-chave

Percepções ambientais, hidrelétrica, lago de Furnas, Sul de Minas.

Meanings of "Mar de Minas": dwellers perceptions of Alfenas and Fama about Furnas' lake (1963-1999)

Abstract

This paper analyses perceptions of the Alfenas and Fama populations concerning the Furnas' lake. It utilizes memoirists, newspapers and inhabitant testimonies. It concludes that the trajectory of these perceptions is related to different forms of appropriation and relationship with the lake, passing from a negative image to other, positive. The dam went “naturalized” and incorporated in the regional quotidian.

Keywords

Environmental perceptions, hydroelectric mill, Furnas' lake, South of Minas.

Introdução

Na história, os corpos d'água desempenharam múltiplos papéis: mataram a sede de aldeias e cidades, de homens, rebanhos e lavouras, serviram como fronteiras de províncias, impérios e estados nacionais, ofereceram orientação geográfica para viajantes e colonos, canais de transporte e comunicação para regiões interioranas, dotaram de força hidráulica fazendas, indústrias e núcleos urbanos. Isto requereu construir diversos tipos de “objetos técnicos”. Conforme assinalou Milton Santos (1997):

A história das chamadas relações entre sociedade e natureza é, em todos os lugares habitados, a da substituição de um meio natural, dado a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é, sucessivamente instrumentalizado por essa mesma sociedade. Em cada fração da superfície da Terra, (...) a parte do 'natural' e do 'artificial' também varia, assim como mudam as modalidades do seu arranjo (SANTOS, 1997, p.186).

No Brasil, os corpos d'água primeiro foram vistos e apropriados como meios de penetração colonial, especialmente nos séculos XVIII e XIX. Em seguida, entre as décadas de 1870 e 1920, os rios passaram a representar vetores privilegiados para projetos ferroviários, mas também obstáculos que interrompiam as linhas de trem e as estradas carroçáveis, exigindo a construção de pontes. A partir dos anos 1930, o que chamou a atenção dos governos, técnicos e empresários foi o potencial de energia elétrica que os rios poderiam fornecer (ARRUDA, 2008). As barragens das usinas hidrelétricas transformaram drasticamente as paisagens dos rios, na medida em que promoveram grande “reorganização do natural”, fruto de intervenções humanas de enorme monta (WORSTER, 2003). Elas modificaram a gestão do território em função de planos de eletrificação e geraram conflitos envolvendo governos, empresas, populações tradicionais e organizações ambientalistas.

A primeira grande usina hidrelétrica brasileira surgiu no início da década de 1960, aproveitando o potencial energético do Rio Grande. Trata-se da Usina de Furnas, situada no sudoeste de Minas Gerais. Seu imenso reservatório tem 23 bilhões de metros cúbicos de água, superfície de 1.457 km², perímetro de 3,7 mil km (equivalente a quase metade da extensão da costa brasileira) e profundidade média de 13 m. Esse lago artificial é o objeto deste trabalho. Pretende-se examinar as variações nas percepções relativas ao lago de Furnas dos moradores das cidades de Alfenas e Fama, dois dos municípios mais afetados pela barragem, desde o início do enchimento do reservatório, em 1963, até os anos 1990. A abordagem é eminentemente qualitativa.

Yi-Fu Tuan (1980) define percepção como:

[...] a resposta dos sentidos aos estímulos externos, atividade proposital na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros são bloqueados (TUAN, 1980, p.4).

Uma pessoa, ao percorrer e vivenciar um determinado espaço atribui a este um valor, que pode evoluir para um sentimento no qual o espaço, diferenciado, torna-se

um lugar. Percepções ambientais remetem a relações mais afetivas com o espaço, carregando marcas das trajetórias, valores e interesses dos indivíduos e grupos sociais. E também atuam como guias para a ação, orientando práticas e relações sociais de sujeitos que lutam para dar sentido ao mundo e nele encontrar seu lugar. Nessa perspectiva, pretende-se analisar a trajetória das percepções relativas ao lago de Furnas, cuja historicidade revela algo a respeito das formas de relacionamento e de apropriação da represa por parte dos moradores das localidades lindeiras.

As fontes empregadas neste trabalho são textos de memorialistas, notícias de jornais locais e testemunhos de moradores de Alfenas e Fama, recolhidos a partir de entrevistas semi-estruturadas. Os memorialistas e as páginas dos jornais possibilitam abordar, sobretudo, as representações produzidas e difundidas pelas camadas letradas da população regional, cuja influência na formação da “opinião pública” e nas políticas municipais não se pode subestimar. As entrevistas permitiram recolher posicionamentos de diferentes tipos de sujeitos, notadamente de “pessoas do povo”.

A população, os rios e as várzeas na bacia do Sapucaí

O Rio Sapucaí percorre terras de São Paulo e Minas Gerais. Suas nascentes estão situadas na Serra da Mantiqueira, próximas a Campos do Jordão. O rio, após fluir no território de Minas Gerais por mais de 400 km, deságua no Rio Grande, no antigo distrito de Barra (hoje município de São José da Barra). No povoado de Pontalete, em Três Pontas, o Rio Sapucaí recebe as águas do Rio Verde. A área drenada pela bacia do Sapucaí abrange a maior parte do Sul de Minas (40 municípios), alcançando cerca de 8.800 km². Os principais afluentes do Sapucaí, além do Rio Verde, são os rios Cervo, Dourado, Lourenço Velho, Mandu, Sapucaí Mirim, Turvo, Vargem Grande, Machado, Peixe e Cabo Verde (MAGALHÃES JR e DINIZ, 1997). Os rios da bacia possuem leitos sinuosos e bom volume de água, e neles há muitas cachoeiras e corredeiras. A partir da Serra da Mantiqueira, na direção noroeste, as terras drenadas pela bacia do Sapucaí compõem planaltos sucessivos escalonados em “degraus”. A topografia predominante é íngreme, o que não favorece a agricultura. A vegetação original era de mata atlântica e araucária (porção leste da bacia) e cerrado (porção oeste), mas foi substituída em grande parte por pastagens. Durante o ano, dominam temperaturas amenas, com valores médios entre 18 e 22°C. A precipitação média anual é inferior a 1500 mm, podendo ocorrer um ou dois meses sem chuva (IBGE, 1977).

Desde o século XIX, a zona do Sapucaí adquiriu destaque na produção de abastecimento interno. As fazendas da região sul-mineira dedicaram-se à criação de gado e de porcos, às lavouras de milho, feijão, arroz, fumo, algodão, e à produção de queijos, toucinho, doces, rapadura, açúcar, aguardente e panos. Os mercados do Rio de Janeiro e de São Paulo absorveram a maior parte das exportações regionais (LENHARO, 1979; LIBBY, 1988). Estas atividades aproveitavam as áreas de várzeas, de modo que as “baixadas” ribeirinhas eram os terrenos mais valorizados.

A partir do último quartel do século XIX, o café começou a ocupar terrenos de encostas em diversos pontos do Sul de Minas (FILLETO e ALENCAR, 2001).

Uma indicação da importância das várzeas na bacia do Sapucaí é fornecida pelo memorialista Murilo Lambert (1977), que escreveu:

O sítio do meu avô era banhado pelo rio das Antas [afluente do Sapucaí Mirim] na parte das vargens, onde todo ano se plantavam arrozais. O rio derramava suas águas na época das chuvas, alagando as vargens de todas as propriedades do município. (...) Quando a enchente acabava, os arrozais viçavam e amadureciam; pareciam fios de ouro a balançar com o vento. Depois vinha a safra do arroz, carros de bois subindo e descendo os vargedos, transportando o arroz com casca para a cidade (LAMBERT, 1977, p.8-9).

Na mesma direção vão os testemunhos de Normando Trindade de Moraes e de Antônio Camilo da Silva Sobrinho, transcritos a seguir:

[...] “Eu vim para Alfenas em 1951 para fazer um serviço de estudo de retificação do rio Cabo Verde. No período das cheias, o rio invadia aquelas várzeas todas e causava muito prejuízo para as lavouras de arroz. Eu percorri quase todo o leito do Cabo Verde. O povo vivia numa dependência grande do rio, porque plantava nas várzeas. As pessoas também pescavam muito. Nadava-se pouco, pois o rio era perigoso”¹.

[...] “Passei a infância na zona rural de Tomé [Alfenas]. Meus pais eram pequenos proprietários que trabalhavam com leite e lavoura. No Cabo Verde a gente pescava. Havia também exploração de areia. Os areeiros tiravam areia de dentro do rio com canoa e traziam para a cidade, onde era usada principalmente no calçamento das ruas. Muitas pessoas viviam da extração de areia, inclusive fazendeiros. Naquela época [anos 1950], usava plantar nas várzeas e fazer pasto nas encostas. Não tinha plantação no seco. Arroz, milho, feijão, tudo era na beira do rio. Quando as pastagens secavam, o gado era trazido para as várzeas”².

Numerosos bairros rurais ficavam situados nas proximidades do Rio Sapucaí, movimentados pela produção agrícola e pelo trânsito de boiadas que rumavam para as estações da Rede Mineira de Viação e para o entroncamento ferroviário de Três Corações (ROSA e SAES, 2010). Este era o caso de Barranco Alto, distrito de Alfenas, de Rochas, povoado próximo de Fama, e de Itaci, distrito de Carmo do Rio Claro, onde havia grande e afamado laticínio. Até a década de 1950, ainda transitavam no Sapucaí vapores transportando mercadorias e passageiros, em percurso de 105 km entre os portos de Fama e Carrito, em Carmo do Rio Claro (HORVÁTH, 2008).

A construção de Furnas: apreensões e resistências

Nos anos 1950, em função do avanço da industrialização e da urbanização no país, a escassez de eletricidade tornou-se evidente. Indústrias e domicílios sofriam

¹ Depoimento de Normando Trindade de Moraes, topógrafo, engenheiro, ex-funcionário de Furnas, 78 anos de idade. Depoimento colhido pelo autor em 05 de julho de 2010. 1 fita cassete. 90 min.

² Depoimento de Antônio Camilo da Silva Sobrinho, contabilista, jornalista, vereador em Alfenas na década de 1970, 65 anos de idade. Depoimento colhido pelo autor em 07 de maio de 2010. 1 fita cassete. 60 min.

constantemente com interrupções do fornecimento e prolongados períodos de racionamento. Em Minas Gerais, o tema da energia elétrica adquiriu centralidade nos governos Milton Campos (1946-1950) e Juscelino Kubitschek (1951-1955). O planejamento do setor elétrico mineiro, definido em 1951, enfatizava três pontos: a) a necessidade do crescimento rápido e racional da indústria de energia elétrica, com a intervenção do governo; b) a criação de grandes sistemas de usinas interligadas, com a concentração da produção de energia em grandes unidades; c) a realização de projetos estrategicamente orientados para priorizar a demanda industrial (DULCI, 1999, p. 93-105). Essa política energética, executada pela CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais, criada em 1952), foi levada para o plano federal durante o mandato presidencial de JK (1956-1960).

Em São Paulo, a imobilidade das empresas Light (que atuava na capital) e American Force and Power (monopolizadora dos serviços de eletricidade nas principais cidades do interior) levou o governo estadual a investir, em 1953, em um Plano Estadual de Eletrificação. A intenção era aproveitar o potencial energético dos rios Tietê e Paranapanema, para o que inicialmente se construiu a hidrelétrica de Salto Grande por meio da empresa estadual USELPA (Usinas Elétricas do Paranapanema), no período 1951-1958 (CESP, 1989).

Nesse contexto, elaborou-se o projeto de construção da Usina de Furnas. Conta-se que foi o engenheiro da CEMIG Francisco Noronha quem descobriu as Corredeiras das Furnas, numa pescaria. De volta a Belo Horizonte, Francisco Noronha escreveu estudo sobre Furnas e apresentou-o ao engenheiro John Reginald Cotrim, então vice-presidente da CEMIG (e futuro presidente de Furnas). Em 1955, Cotrim passou a integrar a equipe do presidente Juscelino Kubitschek e, dessa forma, a proposta avançou. Em fevereiro de 1957, o Decreto 41.066 criou a Central Elétrica de Furnas, com sede em Passos (MG).

A construção da Usina de Furnas estendeu-se de 1958 a 1962. A usina, com capacidade de 1,216 milhão de kW, começou a funcionar em 1963. O reservatório de Furnas exigiu a desapropriação de aproximadamente 5 mil propriedades e inundou cerca de 500 mil hectares agricultáveis³. Carmo do Rio Claro foi o município que mais perdeu terras; Campo do Meio, Fama, Guapé e Boa Esperança perderam área urbana, bem como os distritos de São José da Barra (pertencente a Alpinópolis, emancipado em 1994), Santo Hilário (Pimenta) e Itaci. O lago de Furnas formou dois troncos. O tronco norte, resultante das águas represadas do Rio Grande, banha cidades como Formiga, Capitólio, Guapé e Boa Esperança. O tronco sul, formado pelo aprisionamento das águas do Rio Sapucaí, banha cidades como Alfenas, Fama, Campo do Meio e Carmo do Rio Claro.

Logo que surgiram as primeiras notícias sobre o projeto, as cidades que seriam diretamente afetadas por Furnas ficaram sobressaltadas. Carmo do Rio Claro, Guapé e Fama vivenciaram a construção de Furnas como uma catástrofe, um dilúvio definitivo. Depoimentos de antigos moradores dessas cidades indicam o sofrimento causado por Furnas:

³ Conforme *Jornal dos Lagos*, Especial 50 Anos de Furnas, edição n. 2269, 5 de maio de 2007, p. 2-3.

[...] “Eu tinha 42 anos quando a água da represa chegou nos Rochas, em 1963. Foi triste e bonito ao mesmo tempo. As águas alagaram as várzeas em que o povo plantava alho, arroz, feijão e cobriram as árvores que davam lenha para os fogões. Alguns acharam muito ruim perder as terras, mas reclamar de que jeito? As boiadas que passavam diariamente pelos Rochas indo para Três Corações sumiram. Ir para Fama ficou muito difícil. As festas minguaram. A jardineira que ligava Alfenas a Paraguaçu, passando pelos Rochas, parou de circular. Acabou tudo. Meu pai punha a mão na água e chorava sem parar”⁴.

[...] “A cidade [Carmo do Rio Claro] só tinha lavoura de milho e arroz. Entre 1958 e 1962, chegaram várias construtoras que iam fazer pontes e estradas. Os fazendeiros entraram na Justiça contra Furnas e alguns chegaram a armar os empregados. Houve quem quisesse apossar dos fuzis do Tiro de Guerra. Vieram 50 soldados do Exército de Pouso Alegre para retirar os que não queriam sair de suas terras. Com a represa pronta, Carmo morreu, o povo passou fome, muitos foram embora para Boa Esperança, Areado e Alfenas”⁵.

Na cidade de Guapé, quase totalmente inundada pelo lago de Furnas, muita gente perdeu as terras e as esperanças. Liderados pelo vigário João Coining (que dizia nas pregações não ser pecado matar um “furneiro”), políticos locais e proprietários entraram na Justiça, achincalharam os “furneiros”, ameaçaram-nos de morte, numa resistência que durou anos, mas que se configurou ineficaz. Para acalmar parcialmente os ânimos da população local, Furnas construiu a nova Guapé, procurando algum entendimento com a Igreja⁶. Em Barranco Alto, houve movimento contra Furnas liderado pelo pároco de Conceição da Aparecida, cujas reivindicações eram: a) construção de nova igreja longe da orla da represa; b) instalação de balsa para evitar que o lugar ficasse isolado; c) aumento das indenizações pagas aos moradores que perderam terras e benfeitorias⁷. Apenas a reivindicação da balsa foi atendida prontamente. A construção da nova igreja só ocorreu nos anos 1970⁸.

Em fevereiro de 1957, o jornal *O Alfenense* noticiava a agitação na cidade por causa do decreto de criação de Furnas:

*O debate sobre Furnas desperta interesse em todo país. Aqui em Alfenas são realizadas reuniões e concentrações para discutir os problemas que advirão com a construção da represa. Há um clima de incertezas, de exaltação, quase de revolta. Até aos palcos a discussão chegará em breve. O grupo de teatro “Carvalho Júnior” começou a ensaiar a peça “Na boca das furnas”, um fiel retrato da vida interiorana que, subitamente, se vê em face da técnica e do gigantismo industrial (O ALFENENSE, 1957)*⁹.

Os depoimentos seguintes mostram que as opiniões na cidade ficaram divididas entre “interesses urbanos” e “interesses rurais”, os primeiros mais preocupados com os efeitos de modernização do comércio e dos serviços e os segundos com a continuidade da rotina nas unidades agropecuárias:

⁴ Depoimento de Sebastião Teodoro Rocha, morador de Fama, ex-vereador, 89 anos de idade, publicado no *Jornal dos Lagos*, Especial 50 Anos de Furnas, n. 2269, 5 de maio de 2007, p. 5.

⁵ Depoimento de Pedro Ricardo de Carvalho, 66 anos, morador de Carmo do Rio Claro, publicado no *Jornal dos Lagos*, Especial 50 Anos de Furnas, n. 2269, 5 de maio de 2007, p. 4.

⁶ *Jornal dos Lagos*, Especial 50 Anos de Furnas, n. 2269, 05 de maio de 2007, p. 8.

⁷ Depoimento de Antônio Camilo da Silva Sobrinho.

⁸ Depoimento de Normando Trindade de Moraes.

⁹ *O Alfenense*, 24 de fevereiro de 1957, p. 1. A peça citada é de autoria de Waldir de Luna Carneiro e foi encenada pela primeira vez em junho de 1957, no Centro Católico de Alfenas. Em agosto do mesmo ano, a peça foi apresentada no VI Festival Universitário de Arte, no auditório do Colégio Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, alcançando grande sucesso (*Jornal O Diário*, 13 de setembro de 1957). A peça pode ser encontrada em CARNEIRO (2008, p. 53-85).

[...] “Quando chegaram a Alfenas as primeiras notícias sobre a construção de Furnas, a situação ficou apreensiva. Todo mundo apavorado, vendendo terra. Nas vizinhanças, muita gente vendeu tudo e veio morar em Alfenas. Houve muitas reuniões, debates acalorados, gritaria. A maioria do povo era contra, ninguém queria saber da represa. Os fazendeiros eram contra. Mas os comerciantes esperavam lucrar com o movimento de Furnas. Eu mesmo trabalhava na firma Engel & Irmãos, fornecedora de material de construção para as empreiteiras, que ganhou muito dinheiro”¹⁰.

[...] “Com Furnas, a cidade de Alfenas mudou completamente. Ela tinha no máximo 20 a 25 mil habitantes e, então, começou a crescer graças a Furnas. Aqui tiveram dois escritórios de Furnas, um para estudos e outro para obras. Havia pelo menos 10 engenheiros, fora os topógrafos, técnicos, encarregados. O movimento de Furnas revolucionou a vida da cidade”¹¹.

Os políticos da região não ficaram alheios às alterações provocadas por Furnas. Os do PSD, partido de JK, apoiaram Furnas desde a primeira hora. O discurso por eles empregado era, conforme Normando Trindade de Moraes, o do “progresso”:

[...] “Para aplacar a raiva do povo, dizia-se que o Brasil estava parando por falta de energia elétrica. Basta dizer que Alfenas, naquela época, era abastecida pela Companhia Sul-Mineira que possuía, ao todo, potencial energético de 18 mil kW. Só a Usina de Furnas geraria 1,2 milhão de kW. A gente não podia usar chuveiro elétrico porque a luz caía. A gente também dizia que iam ser feitas estradas para compensar a estrada de ferro. E, por último, que íamos fazer cidades novas, com todo conforto”¹².

A UDN opunha-se ao projeto de Furnas. Na região, a principal voz contra Furnas foi o deputado federal Geraldo Freire, de Boa Esperança. Ele dizia que a usina era um absurdo, um esbulho, algo que tiraria a tranquilidade do povo. Os discursos de Geraldo Freire, alguns pronunciados em reuniões no Clube XV, em Alfenas, reiteravam o mesmo argumento: “onde já se viu inundar terras altamente férteis para gerar eletricidade que de nada valeria para o bem-estar dos moradores da região?”¹³. A oposição udenista também dizia que a região tenderia a ficar isolada por causa da extinção do tráfego de trens na linha Varginha-Juréia. Havia mesmo quem afirmava que a eletricidade gerada por Furnas pouco beneficiaria a região. Porém, quando houve a mudança de governo, com a chegada de Jânio Quadros à Presidência – que nomeou gente da UDN para postos importantes na Central Elétrica de Furnas – as críticas dos políticos udenistas da região cessaram¹⁴.

Um dos fatores que mais contribuiu para indispor Furnas a grandes parcelas das populações da bacia do Sapucaí foi o problema das indenizações. Os afetados pelo enchimento do lago receberam apenas o valor venal das terras alagadas. E os que “entraram em demanda” tiveram depositado em juízo as indenizações calculadas pelas equipes do Departamento de Patrimônio de Furnas, corroídas pela inflação crescente. A respeito das indenizações, dois testemunhos são esclarecedores:

¹⁰ Depoimento de Antônio Camilo da Silva Sobrinho.

¹¹ Depoimento de Normando Trindade de Moraes.

¹² Depoimento de Normando Trindade de Moraes.

¹³ Conforme depoimentos de Antônio Camilo da Silva Sobrinho e Normando Trindade de Moraes.

¹⁴ Em sua campanha presidencial, Jânio Quadros esteve em Alfenas. Em um comício concorrido, Jânio prometeu a construção de estradas asfaltadas na região para suprir a extinção dos ramais da Rede Mineira de Viação. Essas estradas – atuais BR-369 e BR-491 – só foram precariamente concluídas na década de 1970. A cidade de Fama, vinte anos após o lago, tinha apenas um telefone, a energia vinha de um motor, as estradas não tinham asfalto (Depoimento de Ângelo Saksida, então Prefeito de Fama, publicado pelo *Jornal dos Lagos*, Especial 50 Anos de Furnas, n. 2269, 05 de maio de 2007, p. 5)

[...] *“Meu pai teve oito propriedades desapropriadas. Numa delas funcionava a Fábrica de Laticínios São Paulo. O pessoal de Furnas chegava e dava três alternativas: você podia aceitar um valor com direito a desmanchar seu imóvel e pegar o material, você podia deixar tudo para Furnas ou podia ir para a Justiça. Meu pai resolveu amigavelmente, mas o dinheiro que recebeu por tudo nem deu para construir outra casa. Meu pai teve de mudar de ramo, de casa, perdeu dinheiro”¹⁵.*

[...] *“Nos processos de indenização houve coisas terríveis. A indenização não era o valor real da terra. Mas o dono recebia um preço e podia usufruir da terra até a chegada da água. Aqueles que pegaram logo o dinheiro se deram bem, mas aqueles que caíram na conversa de advogado tiveram prejuízo. Minha mãe teimou em entrar na Justiça e levou anos para receber um dinheiro que já valia pouco”¹⁶.*

O caso de Furnas permite relativizar o ponto de vista de Warren Dean (1996, p. 281), para quem a “idéia de desenvolvimento econômico penetrava a consciência da cidadania, justificando cada ato do governo e de extinção da natureza”. Os “caipiras” de Alfenas, Areado, Carmo do Rio Claro e Fama não se deixaram seduzir pelo canto de sereia do progresso. Neste aspecto, o caso de Furnas contrasta com o da paulista Salto Grande. No Paranapanema, segundo Eduardo Giavara (2007, p.249), “muitos acreditavam, veementemente, que a cidade poderia, em poucos anos, se tornar um pólo industrial e gerar milhares de empregos”. No caso de Furnas, predominou nas regiões afetadas sentimentos de perda, de sofrimento, de ruptura dramática com as tradições e modos de vida ancestrais. O lago de Furnas despertou inicialmente raiva e ressentimento na maioria dos moradores. Sua imagem era de *mar artificial funesto*, evocando tristeza e perplexidade, como mostra o testemunho seguinte de um deslocado pela represa:

[...] *“Na região, a ocupação mais importante era a de plantar. Tudo mundo cultivava e pastorava. A agricultura era a mãe bondosa de todos nós. Deus quando fez a terra colocou tudo no lugar certo, mar, montanha, rio, vargem... Isto o homem não podia alterar. Nós não acreditávamos na construção da represa, porque era um abismo cercar um rio como aquele. Se estancasse o rio, ele ia embrabar, cobrir os baixos, os vargedos, emporcalhar e criar mosquito. Quando vi aquele mar de água, foi só recordação e mau humorismo. Meu cunhado dizia que tinha que morrer uns para outros viverem. No Itaci, ficou tudo muito desusado”¹⁷.*

A incorporação do lago de Furnas à paisagem regional

Dissipado o choque inicial gerado pelo projeto da hidrelétrica, lentamente surgiram mecanismos de convivência com o lago de Furnas e estratégias de apropriação da orla e das águas da represa. Papel destacado coube às mulheres, aos jovens e às crianças, como bem ilustra o caso de Fama. O testemunho de Ilma Luiza Generosa Alexandre sintetiza o que ocorreu:

[...] *“Eu me casei e mudei para Fama, em 1968. Praticamente todo dia eu descia para a praça da Matriz e ia para a beira do lago lavar roupa. Eu gostava muito de*

¹⁵ Depoimento de Ângelo Saksida, publicado no *Jornal dos Lagos*, n. 2269, 05 de maio de 2007, p. 5.

¹⁶ Depoimento de Marcos Coelho, proprietário rural e oficial do Cartório de Registro Civil e Notas de Córrego do Ouro (distrito de Campos Gerais), 58 anos de idade. Depoimento colhido pelo autor em 19 de abril de 2010. 1 fita cassete. 60 min.

¹⁷ Depoimento de Benedito Fialho, morador de Alfenas, 79 anos de idade, natural de Itaci, onde foi pequeno agricultor até os 27 anos. Depoimento colhido pelo autor em 30 de junho de 2010. 1 fita cassete. 90 min.

lavar roupa na represa. Juntava um monte de gente. Os filhos também iam para nadar. Lá na água eu encontrava muitas outras mulheres, aí saía fofoca. A gente conversava, cantava, trabalhava horas e horas. A beira da represa em Fama era um ponto de encontro. Meus filhos viviam como peixinhos, brincando na água, pescando. Esse negócio só acabou em 1975, quando eu voltei para Alfenas com o marido e os filhos”¹⁸.

O que este depoimento revela é a incorporação do lago de Furnas ao cotidiano dos moradores de comunidades como Fama, Harmonia, Barranco Alto, Pontalete, Campo do Meio e Itaci, tanto como local de atividades domésticas quanto como espaço cotidiano de sociabilidade. Ainda conforme Ilma Alexandre, nessa época os moradores de Fama também começaram o costume de receber parentes e amigos nos períodos de férias escolares, vindos das cidades próximas para nadar na represa.

A partir dos anos 1970, mais e mais pessoas da região passaram a freqüentar diversos pontos do lago em busca de lazer, sustentando o aparecimento de balneários. Os jovens banhistas preferiram a cidade de Fama, os bairros rurais dos Rochas e Harmonia, a Ponte das Amoras e os aterros na direção de Areado. Nesses locais, proliferaram bares e restaurantes. A prática da pescaria de lazer também aproximou muitas pessoas da represa, e não apenas aquelas que já estavam acostumadas a pescar no Sapucaí e seus afluentes. Dois testemunhos ilustram essa forma comum de utilização das águas de Furnas:

[...] *“Nossa região é privilegiada pela natureza. Tem o lago de Furnas, que é a coisa mais linda. Eu desde rapazinho vou pescar com os amigos em Harmonia e Barranco Alto. O lago é ideal para ir com a família, para ver muitos tipos de passarinhos e a beleza da paisagem. Isso alivia a gente, distrai. Até o coro do sapo-boi é gostoso de ouvir na beirada de Furnas”¹⁹.*

[...] *“Eu me lembro de meu pai saindo cinco e meia, seis horas da manhã com os amigos para pescar na Ponte das Amoras, no Muzambo, Porto, Gutierrez. Ele saía de carro, com pelo menos dois ou três amigos. Passava o dia todo na pescaria. Na minha infância era comum a família toda sair para pescar, minha avó à frente. Quase todo domingo a gente passava no Porto, fazia arroz com peixe e salada, duas, três famílias juntas. O lago de Furnas me dá saudade da infância”²⁰.*

Estas lembranças indicam que, ao contrário de muitas pessoas mais velhas, os jovens da região nos anos 1970 e 1980 começaram a se aproximar do lago de Furnas na medida em que ele se tornou espaço privilegiado de lazer – lugar de nadar, namorar, fazer piqueniques, pescar, brincar carnaval. Isto estimulou as novas gerações a enxergarem positivamente a represa. As águas de Furnas e as paisagens da orla transformaram-se em reserva de beleza, de tranqüilidade associada à vida saudável, inocente e simples. Espaço valorizado como retiro temporário da sociedade, necessário à restauração das pessoas desgastadas pelos excessos da vida moderna, que foi reapropriado pelos segmentos mais jovens das

¹⁸ Depoimento de Ilma Luiza Generosa Alexandre, ex-funcionária da Prefeitura de Alfenas, 67 anos de idade. Depoimento colhido pelo autor em 08 de abril de 2010. 1 fita cassete. 60 min.

¹⁹ Depoimento de Davi Hipólito da Silva, trabalhador rural, morador de Areado, 53 anos de idade. O pai de David possuía pequenas terras em Alfenas, inundadas por Furnas. Depoimento colhido pelo autor em 16 de maio de 2010. 1 fita cassete. 60 min.

²⁰ Depoimento de Daniel de Castro Barbosa, morador de Alfenas, comerciante, 35 anos de idade. Depoimento colhido pelo autor em 01 de julho de 2010. 1 fita cassete. 60 min.

populações lindeiras em conformidade com o que Keith Thomas (1989, p. 307) chamou de *novas sensibilidades*, surgidas em fins do século XVIII e no século XIX entre os europeus, especialmente no movimento romântico.

Outro elemento do processo de apropriação do lago de Furnas pelas populações dos municípios que tiveram terras inundadas é a religiosidade popular. Após a formação do reservatório, festas religiosas tradicionais foram reelaboradas tendo em vista as novas paisagens regionais. Uma dessas festas, cujas origens se perdem na década de 1950, é a Festa de São Pedro, em Fama. Era uma festa de pescadores do Rio Sapucaí que incluía uma procissão fluvial, realizada algumas vezes antes da formação do lago. A partir de então, o centro da Festa de São Pedro tornou-se a procissão fluvial noturna. Veja-se a notícia do evento publicada em um jornal de Alfenas:

A cada ano a festa fica melhor e atrai mais gente a Fama. O fluxo de visitantes nos dias de festa só pode ser comparado ao do Carnaval. Há quem diga até que a Festa de São Pedro recebe mais turistas do que a festa profana. O momento mais esperado é a procissão fluvial, com participação de dezenas de embarcações enfeitadas e iluminadas com luzes coloridas. São barcos, lanchas, canoas e balsas. Há também a queima de fogos de artifício (JORNAL DOS LAGOS, 2008)²¹.

Mais recente e menos famosa é a Festa de São João no distrito de Barranco Alto, que também conta com uma procissão de barcos e envolve os moradores de Harmonia e Areado. Sobre a última edição dessa festa, o *Portal Alfenas* noticiou o seguinte:

Será realizada no dia 27 de junho uma barqueata em louvor ao padroeiro do bairro rural do Barranco Alto em Alfenas – São João. A saída está prevista para as 8 horas do porto da balsa da Harmonia com destino a Barranco Alto. Cerca de 20 barcos devem participar da travessia. A chegada no bairro está programada para as 12 horas, quando irá começar a missa (PORTAL ALFENAS)²².

Vale ressaltar que a política também propiciou oportunidade para a elaboração de novos significados para o lago de Furnas. Na esteira das privatizações patrocinadas pelo Governo FHC na década de 1990, as lideranças regionais defenderam a resistência contra a venda de Furnas Centrais Elétricas. A partir de 1999, esta mobilização política se intensificou, sob o argumento de que as águas de Minas seriam dadas de graça para empresas privadas, que exigiriam contrapartidas pelo uso da orla e da represa²³. Os municípios do entorno de Furnas acompanharam a guerra de liminares na Justiça, fizeram debates e eventos públicos, como o noticiado pelo *Jornal dos Lagos*:

Alfenas foi sede de uma audiência regional da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. [...] Vários deputados e secretários de estado, além do ex-governador Aureliano Chaves se manifestaram contrários à privatização. Decidiu-se realizar uma campanha de 'salvação' de Furnas nos trinta e quatro municípios limítrofes,

²¹ *Jornal dos Lagos*, 28 de junho de 2008, p. 16.

²² *Portal Alfenas*, 17 de junho de 2010. Disponível em www.portalalfenas.com.br. Acesso em 10 de julho de 2010.

²³ *Jornal dos Lagos*, n. 1504, 21 de julho de 1999, p. 2.

envolvendo as escolas e as entidades nesse movimento (JORNAL DOS LAGOS, 1999)²⁴.

Prefeitos, vereadores, lideranças empresariais e a opinião pública dos municípios no entorno do lago cerraram fileiras com o governador Itamar Franco na luta para impedir a privatização de Furnas. Luta que teve episódios inusitados, como o envio de tropas da Polícia Militar mineira para ocupar as instalações da hidrelétrica em São João da Barra. A propósito, a imprensa alfenense hipotecou solidariedade ao governador, como se vê na notícia seguinte:

O governador Itamar Franco tem conseguido ganhar simpatia e apoios na luta contra a privatização de Furnas. Na visita que fez a Capitólio, Itamar usou de ironia e bom humor, mas deixou claro que está disposto a qualquer coisa para defender o interesse de Minas. Ambientalistas, políticos, técnicos, empresários, promotores de justiça, estudantes da região – todos estão na luta com Itamar Franco (JORNAL DOS LAGOS, 1999)²⁵.

Este movimento político centrado na defesa de Furnas como bem público, patrimônio regional e nacional, na medida em que mobilizou diversos grupos de atores sul-mineiros para refazer as matrizes interpretativas sobre o “Mar de Minas”.

O trabalho das lavadeiras na beira do lago, as procissões fluviais nas festas religiosas, o gosto popular pelos balneários e pescarias na orla de Furnas e a mobilização política contra sua privatização são indicadores de que, gradativamente, os moradores da região reelaboraram suas referências simbólicas e redes de relações sociais em torno do “Mar de Minas”, superando os sentimentos de perda e sofrimento tão característicos da década de 1960²⁶. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, os moradores mais jovens da região passaram a se orgulhar das belezas paisagísticas do lago de Furnas, da simplicidade, tranquilidade e hospitalidade encontradas nos núcleos urbanos lindeiros, aprenderam a valorizar a combinação de sol, água e verde. O lago de Furnas adquiriu a condição de objeto de admiração e espaço de ócio e vitalidade, capaz de propiciar privacidade, intimidade, auto-reflexão, renovação espiritual (THOMAS, 1989, p. 296). A imagem da represa passou a ser de uma *natureza aprazível* e muitos acreditaram, então, no slogan publicitário: “a vida passa pelo lago de Furnas”. Assim, para os *valores de amenidade* associados ao “Mar de Minas” a unidade social foi-se transferindo²⁷. Este processo – sobreposto aos impactos fortes e duradouros da represa de Furnas sobre o meio regional, que tenderiam por si sós a metamorfoseá-la em “paisagem natural” – reorganizou o imaginário geográfico e as referências culturais dos grupos sociais que vivem na região. A tal ponto que as percepções se inverteram: hoje, sofrimento é ver o lago de Furnas com baixos níveis de água. É o que mostram as duas matérias jornalísticas seguintes:

Visão da seca assusta e fascina. Onde antes só se avistava água, agora há uma paisagem verde e, em alguns lugares, terra seca. Apenas os antigos cursos d'água persistem. Por um lado, diante da atual paisagem, é possível deslumbrar o

²⁴ *Jornal dos Lagos*, n. 1500, 7 de julho de 1999, p. 3.

²⁵ *Jornal dos Lagos*, n. 1513, 21 de agosto de 1999, p. 2.

²⁶ Conforme Ilda Alexandre, no início dos anos 1970, “na Fama os mais velhos só xingavam a represa, falavam ‘essa porcaria’”.

²⁷ Por “valores de amenidade” pode-se entender conjunto de bens não-materiais que refletem a qualidade de vida, relacionados a características naturais e atributos gerados pela própria sociedade que afetam positiva ou negativamente a satisfação dos indivíduos (MAY, 2003).

passado, quando a região não tinha o lago. Por outro, todos sofrem com a imagem da água secando (JORNAL DOS LAGOS, 1999)²⁸.

Bela vista. A imagem do lago cheio é ainda mais bela num dia claro, o azul da água contrasta com o verde das margens, é possível até mesmo ver Fama ao fundo, além de outros encantos da natureza. Olhar o lago de Furnas em qualquer época é bom. Sem ameaça de seca, então, é ainda melhor (JORNAL DOS LAGOS, 1999)²⁹.

Não se trata, porém, de uma simples harmonização das dinâmicas sociais, territoriais e ambientais. Ao contrário, novos conflitos continuam a surgir em torno da represa. A trajetória do turismo na região demonstra a complexidade da situação³⁰. Até os anos 1980, poucas pousadas existiam na orla do tronco sul do lago de Furnas. Também não eram comuns lanchas, escunas, chalanas e jet-skis disputarem espaço com os banhistas. Esta situação, no entanto, mudaria após a virada para a década de 1990. A privatização da orla da represa ganhou ímpeto graças ao crescimento do número de casas de veraneio, condomínios à beira da água, marinas e pousadas. Hoje, segundo dados da ALAGO (Associação dos Municípios do Lago de Furnas), existem 260 empreendimentos turísticos na orla da represa, entre hotéis, pousadas, clubes náuticos e pesqueiros. Deste avanço da exploração turística da represa de Furnas dá indicação a matéria publicada em revista especializada, parcialmente transcrita abaixo:

Furnas se tornou uma espécie de Angra dos Reis de Minas Gerais [...]. O cenário [de Capitólio] é de arrancar exclamações de todo mundo que checa lá [...]. Nos dias mais movimentados, as lanchas chegam a fazer fila no cânion, à espera da vez de entrar debaixo da queda d'água. Lembra as concentrações de verão na Praia do Dentista, em Angra (REVISTA NÁUTICA, 2009)³¹.

O depoimento de Ilma Luiza Generosa Alexandre oferece uma denúncia contundente do processo recente de privatização da orla do lago de Furnas:

[...] "Eu já gostei mais de Fama. Ainda gosto, mas não como antes. Porque antes a gente andava em qualquer parte da beirada da lagoa, ia a todo lugar, nadava onde quisesse. Não tinha cerca nem casa encostada na água. Hoje a beirada tem dono, sobrou só um pedacinho na frente da igreja. E quem vai nadar ainda tem que tomar cuidado com as lanchas"³².

Outros conflitos socioambientais perpassam o espaço regional transformado pela construção da hidrelétrica de Furnas, girando em torno dos múltiplos usos das águas e margens do reservatório. Conflitos que configuram *trade offs* para os sujeitos sociais envolvidos e mobilizam disputas concernentes a três variáveis principais, a saber: a) o deplecionamento do reservatório em função das necessidades de geração de eletricidade; b) a qualidade e a disponibilidade da água; c) o retorno econômico e social para a região de lucros operacionais da Usina de Furnas. O Quadro 1 sintetiza os principais conflitos no decorrer do período 1963-1999:

²⁸ *Jornal dos Lagos*, n. 1525, 09 de outubro de 1999, p.12.

²⁹ *Jornal dos Lagos*, n. 1994, 21 de julho de 2004, p. 1.

³⁰ A expansão do capital, seja por meio da mineração, das indústrias intensivas em recursos naturais ou do turismo, aprofunda a apropriação assimétrica da natureza, implicando em restrições de vida para os grupos que se encontram em posições mais vulneráveis (MASSEY, 2000).

³¹ *Revista Náutica*, n. 256, dezembro de 2009, p. 47.

³² Depoimento de Ilma Luiza Generosa Alexandre.

Quadro 1. Conflitos de uso das águas de Furnas (1963-1999). Elaboração do autor.

Atores coletivos	Interesses / ações
Furnas	Eficiência máxima na produção de energia Contenção de investimentos na região
Prefeituras	Abastecimento de água Maximização de royalties e compensações financeiras Diluição de efluentes (esgotos) ³³ Investimentos de Furnas nos municípios limítrofes
Fazendeiros	Aproveitamento agropecuário das margens do lago Uso da água para irrigação e dessedentação de rebanhos Extensão de cercas de divisas Liberdade de uso de adubos e defensivos
Donos de casas nas margens	Domínio das margens Qualidade da água do lago
Empresários de turismo	Manutenção de cota mínima para o nível da água no lago Domínio das margens Qualidade da água do lago
Pescadores	Acesso desimpedido ao lago Qualidade da água Ampliação da quantidade e diversidade do pescado
População em geral	Acesso livre ao lago e suas margens Transporte de pessoas e mercadorias através do lago Qualidade e salubridade da água do lago Infraestrutura e equipamentos para lazer no lago

É, pois, diante da incontornável presença de Furnas e no âmbito de uma dinâmica complexa de conflitos territoriais e ambientais que os moradores de Alfenas e Fama reconstróem as percepções do espaço regional e, simultaneamente, reelaboram a memória coletiva assentada nos lugares, contam e recontam suas experiências vividas.

O lago de Furnas nas páginas da imprensa alfenense

As alterações nas percepções do lago de Furnas ocorreram *pari passu* às mudanças na maneira dos jornais locais produzirem matérias sobre a represa. Em uma interação que engendra certa circularidade dos temas, informações e pontos de vista, os jornais de Alfenas alimentaram (e foram alimentados pelos) novos sentimentos surgidos nas camadas populares e nas elites letradas da região. As páginas do *Jornal dos Lagos* ilustram esse processo.

O Quadro 2 dá ideia da variação numérica intertemporal dos assuntos referentes a Furnas na cobertura do jornal, no período em estudo. A análise dos números permite inferências importantes. A primeira delas é que a cobertura do jornal relativa ao lago de Furnas ficou mais densa e diversificada após 1992-1993. A partir desses anos, maior número de temas ganhou as páginas do jornal, anteriormente concentrado em noticiar afogamentos, prisões de pescadores e eventos de lazer no lago. Outra inferência importante diz respeito a certo deslocamento da atenção editorial para as

³³ Até a década de 1990 nenhuma cidade do entorno do lago de Furnas possuía estação de tratamento de esgoto e calculava-se que, por dia, eram despejados na represa aproximadamente 68,3 t de esgoto. *Jornal dos Lagos*, n. 805, 27 de maio de 1992, p. 6.

questões do aproveitamento econômico do reservatório de Furnas, bem como para os retornos financeiros e sociais da usina para as cidades da região.

Quadro 2. Matérias sobre o lago de Furnas (1984-1999). Fonte: Jornal dos Lagos (1984-1999). Elaboração do autor.

Matérias	Número anual de matérias														
	84	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99
Variação do nível do lago	1	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	7
Afogamentos	-	-	1	1	2	4	5	5	-	6	-	-	2	2	-
Turismo	-	-	3	1	4	3	-	-	-	-	2	3	-	-	2
Associação dos Municípios	-	-	3	-	-	-	-	-	1	1	3	-	-	-	1
Impactos da formação do lago	3	2	-	2	4	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Lazer no lago	-	2	-	1	3	5	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Poluição no lago (esgotos)	-	-	1	1	-	1	1	1	2	-	1	1	2	-	1
Royalties de Furnas	-	-	-	-	1	-	-	-	-	4	1	1	2	2	1
Peixamento do lago	-	-	-	-	1	-	-	-	2	1	1	-	-	-	-
Pescadores X Polícia	-	2	-	1	2	2	8	3	-	2	-	-	5	1	1
Problemas ambientais						1	1	2	-	1	-	-	-	1	2
Educação/ação ambiental						1	1	2	1	-	-	1	-	-	1
Transporte fluvial	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-
Ações/investimentos de Furnas	-	-	-	-	-	-	-	3	2	1	1	-	-	1	-
Piscicultura	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	1	2
Reflorestamento da orla	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1
Oleiros X Pecuaristas ou Polícia	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Crítica à privatização de Furnas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3

Permanece a preocupação com o desenvolvimento do turismo e a ela se juntam as matérias sobre *royalties*, piscicultura e coordenação política das reivindicações das prefeituras endereçadas a Furnas Centrais Elétricas e ao governo. Finalmente, nas edições do *Jornal dos Lagos* da década de 1990 desapareceram as matérias sobre impactos negativos da formação do reservatório da represa. O jornal substituiu o discurso das perdas e dos sofrimentos que vieram na esteira de Furnas pela ênfase nas possibilidades criadas pelo surgimento do “Mar de Minas”.

Esta mutação é anunciada claramente por uma matéria publicada em fins de 1989, na qual se lê:

Lago de Furnas: natureza ao alcance de todos. Na formação do lago, as cidades atingidas perderam terras produtivas, muita gente ficou doente, perdeu a vontade de viver e apenas ficou olhando a água tomar tudo. Mas agora, com incremento ao turismo, Furnas parece devolver o que tirou. Por causa da água estas cidades estão sendo procuradas por pessoas interessadas em curtir o sol à beira do lago. O lago de Furnas é uma das principais atrações turísticas de Minas (JORNAL DOS LAGOS)³⁴.

³⁴ *Jornal dos Lagos*, n. 546, 16 de dezembro de 1989, p. 8B.

Já a matéria seguinte, publicada em 1999, exemplifica a percepção positiva do “Mar de Minas” que caracteriza a linha editorial do jornal na década de 1990, e que se mantém inalterada nos anos 2000. Eis a notícia:

Perspectiva de venda de Furnas preocupa mineiros. Todos os que estão próximos do lago de Furnas estão preocupados com a possível privatização de Furnas Centrais Elétricas. O lago se transformou numa fonte de renda para muitos os que exploram o turismo com pesqueiros, pousadas, passeios, etc. Uma liminar na Justiça suspendeu temporariamente a privatização de Furnas (JORNAL DOS LAGOS, 1999)³⁵.

No mesmo diapasão está a notícia sobre a criação de peixes no lago de Furnas, publicada em agosto de 1998, transcrita a seguir:

A central de alevinos de Alfenas está em fase final de construção. Localizada no Barranco Alto, ela possui 21 tanques escavados, laboratório de reprodução artificial de peixes e uma fábrica de ração. Esta é praticamente a primeira iniciativa bem sucedida no sentido de valorização e melhor aproveitamento da represa (JORNAL DOS LAGOS, 1998)³⁶.

Examinadas em detalhe, as matérias sobre o lago de Furnas no jornal alfenense na década de 1990 mesclam referências à beleza da região com considerações sobre o proveito prático dos recursos existentes, falam de preservação com exploração racional do reservatório. O tom geral das matérias é o de realçar as virtudes do uso econômico da natureza e das tradições regionais, com o objetivo de promover a integração da região nos circuitos de negócios nacionais e internacionais. Entra em cena, dessa forma, a imagem da represa como *natureza mercantilizada*. Para os homens de imprensa de Alfenas, a aceitação dessa perspectiva seria o coroamento da história das relações entre a população e o lago de Furnas, como sugere o comentário publicado em matéria sobre piscicultura, no ano de 1997:

Até pouco tempo o que a população fazia era reclamar. Afinal muita terra foi inundada pela represa de Furnas. Depois veio a fase de somente aproveitar o lago sem qualquer cuidado para a sua preservação. Esgoto não tratado, desmatamento indiscriminado das margens e encostas, agrotóxicos, pesca predatória, dejetos industriais, tudo era jogado na represa. Agora a realidade é outra, o lago pode se transformar numa imensa fonte de lucro (JORNAL DOS LAGOS, 1997)³⁷.

Considerações finais

Para a maioria dos antigos moradores da região, especialmente aqueles ligados à agropecuária praticada nas vargens do Sapucaí e seus afluentes nos anos 1950, as águas do lago de Furnas inundaram os espaços mais valorizados econômica e socialmente. Para essas pessoas, diretamente afetadas pelo projeto hidrelétrico, a construção da represa destruiu a “natureza” criada por Deus e o modo de vida tradicional, produziu perdas e sofrimentos, ruínas e deslocamentos forçados, ameaçando os laços sociais e identidades típicas de lugares que giravam em torno

³⁵ *Jornal dos Lagos*, n. 1493, 12 de junho de 1999, p. 10.

³⁶ *Jornal dos Lagos*, n. 1416, 22 de agosto de 1998, p. 9.

³⁷ *Jornal dos Lagos*, n. 1264, 15 de fevereiro de 1997, p. 13.

das roças e pastos. Além disso, o enchimento do lago de Furnas teria trazido a “água pesada e grossa”, água “parada” de má qualidade, que junta sujeira, taboa e lodo amarelo. A água de Furnas contrastava, portanto, com a “água pequena” de nascentes e córregos, “água livre” e boa para beber e para usos domésticos e produtivos, água com lodo verde e acompanhada por animais e vegetais que os agricultores tradicionais consideram elementos garantidores de qualidade (GALIZONI, 2010). Por tudo isso, o lago pareceu-lhes uma *obra funesta*.

Nem todos na região, porém, pensaram assim. Houve segmentos da população, vinculados aos setores do comércio e dos serviços, que aceitaram bem o projeto hidrelétrico. Os moradores mais jovens, nos anos 1970 e 1980, fizeram do lago de Furnas espaço de lazer, de sociabilidade, de descanso em “contato com a natureza”. Estas novas gerações naturalizaram o lago de Furnas, tornando-o parte destacada do seu imaginário geográfico. O espelho d’água de Furnas apresentou-se para elas como *natureza aprazível*, emblema de pertencimento ao Sul de Minas e patrimônio comum de diversas cidades. Para elas, a geografia lacustre de Furnas, soberba, delicada e variada, evoca imagens românticas, repletas de atrativos pictóricos e de sonhos. Imagens que remetem a uma espécie de estado de graça associado ao desfrute das paisagens de Furnas. A represa transformou-se, dessa forma, em “patrimônio natural” da região e “cartão postal” de Minas. As imagens do “Mar de Minas” que avultaram nas décadas de 1970 a 1990 não diferem das clássicas concepções das arcádias – águas que inspiram sonhos, margens com campos cultivados, verdes outeiros salpicados sobre o entorno, rebanhos a pastar, casinhas a lançar rala fumaça branca em um límpido céu azul e, ao fundo, emoldurando o quadro, colinas suaves jogadas contra o horizonte (SCHAMA, 1996). Os empresários do turismo souberam reforçar e explorar estas imagens para promover seus negócios, notadamente a partir da década de 1990.

Estas representações do lago de Furnas convivem, não sem tensões e incongruências, com outro conjunto mais recente de imagens. A partir dos anos 1990, empresários, técnicos governamentais e agentes políticos municipais começaram a enxergar as águas da represa sob a ótica da noção de utilidade econômica. O “Mar de Minas” é, nessa perspectiva, oportunidade para negócios públicos e privados e fonte de recursos oriundos de políticas ambientais de cunho estadual e nacional. Uma *natureza mercantilizada*, um diferencial regional capaz de propiciar inserção vantajosa para o Sul de Minas na era da “economia verde” e dos “mecanismos de desenvolvimento limpo”.

Evidentemente, a construção da Usina de Furnas deixou, em muitas pessoas que vivenciaram o processo, lembranças inesquecíveis e dolorosas. Hoje anciãs, elas ainda vivem esta dor no presente. Mas, para os mais novos, que não têm o cuidado de saber exatamente de onde e como o lago de Furnas surgiu, o espelho d’água é apenas um “cartão postal”, um lugar para curtir ou um campo de negócios. Suas percepções já não abrangem o fato preciso, político e econômico, que gerou o lago e muitos dramas humanos. Seria pertinente recuperar o fato para seguir reelaborando percepções referentes ao “Mar de Minas”.

Referências

ARRUDA, Gilmar. Rios e governos no Estado do Paraná: pontes, força hidráulica e a era das barragens (1853-1940). In: **Varia Historia**, Belo Horizonte [MG], v. 24, n. 39, p. 153-175, 2008.

CARNEIRO, Waldir de Luna. **Teatro completo**. Alfenas [MG]: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Alfenas, 2008. v.1.

CESP. Centrais Elétricas de São Paulo. **Uselpa: Usinas Elétricas do Paranapanema S. A.** São Paulo [SP]: CESP, 1989.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo [SP]: Companhia das Letras, 1996.

DULCI, Otávio Soares. **Política e recuperação econômica em Minas Gerais**. Belo Horizonte [MG]: Editora UFMG, 1999.

FILLETO, Ferdinando; ALENCAR, Edgard. Introdução e expansão do café na região Sul de Minas Gerais. In: **Revista de Administração da UFLA**, Lavras [MG], v. 3, n. 1, 2001.

GALIZONI, Flávia Maria et al. Comunidades rurais, cultura e água no Alto Jequitinhonha. In: SOUZA, João Valdir Alves; HENRIQUES, Márcio Simeone. **Vale do Jequitinhonha: formação histórica, população e movimentos**. Belo Horizonte [MG]: UFMG/PROEX, 2010. p. 129-144.

GIAVARA, Eduardo. Salto Grande: o impacto da usina hidrelétrica. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). **História ambiental paulista: temas, fontes, métodos**. São Paulo [SP]: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 245-258.

HORVÁTH, Eugen Emmerich. **Carmo do Rio Claro: cento e trinta anos de emancipação política (1877-2007)**. Carmo do Rio Claro [MG]: O Artesanal, 2008.

IBGE. *Geografia do Brasil. Região Sudeste*. Rio de Janeiro [RJ]: SERGRAF/FIBGE, 1977, v. 3.

LAMBERT, Murilo. **Cambuy: terra dos três João**. Valença [RJ]: Editora Valença, 1977.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil – 1808-1842**. São Paulo: Símbolo, 1979.

LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX**. São Paulo [SP]: Brasiliense, 1988.

MAGALHÃES JR, Antônio Pereira; DINIZ, Ângela Andréa. Padrões e direções de drenagem na Bacia do Sapucaí – Sul de Minas. In: **Geonomos**, Belo Horizonte [MG], v. 5, n. 2, p. 29-32, 1997.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, A. **O espaço da diferença**. Campinas [SP]: Papyrus, 2000.

MAY, Peter *et al.* **Economia e meio ambiente**. Rio de Janeiro [RJ]: Campus, 2003.

ROSA, Elton Rodrigo; SAES, Alexandre Macchione. Mercado forjado: a construção da Feira de Gado de Três Corações (1900-1920). In: **Anais do XIV Seminário sobre a economia mineira**. Belo Horizonte [MG]: CEDEPLAR/UFMG, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo [SP]: Hucitec, 1997.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo [SP]: Companhia das Letras, 1996.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo [SP]: Companhia das Letras, 1989.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo [SP]: Difel, 1980.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. In: **Ambiente & Sociedade**, Campinas [SP], v. 5 n. 2, v. 6 n. 1, p. 23-44, 2009.